



**Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, durante
solenidade de inauguração do Museu Virtual Têxtil e de Confecção**

Rio de Janeiro-RJ, 17 de outubro de 2008

Ouvimos alguns discursos aqui que nos levaram àquele tempo em que começamos a freqüentar esta Casa. Todos eles foram generosos, muito generosos comigo, mas ricos em informações diversas.

O discurso do Armando Monteiro, por exemplo, levantou questões ligadas a esta crise que preocupa a todos, e trouxe informações valiosas a respeito dela. Nesses últimos tempos, temos ouvido e lido muito a respeito da crise. Mas muitos economistas que têm levantado a questão, têm que freqüentar a CNI, porque o Armando está melhor informado sobre os problemas da crise e nos colocou, com sabedoria, quando levantou essa questão. Então, vejam a importância da CNI.

Nós ouvimos aqui o senador Marcelo Crivella, que foi ultrageneroso. Eu já sabia, porque somos do mesmo partido. E também ouvimos o belo discurso do Antonio Cesar Berenguer, que deu informações sobre o Senai/CETIQT, mostrando a importância desta Casa para o setor têxtil nacional, e o fez com detalhes. Meus parabéns, Antonio Cesar, foi muito bom o seu discurso.

Eu tinha trazido um discurso escrito para ler aqui, mas, enquanto ouvia e participava, fiz umas anotações, e provavelmente eu vá me permitir abordar alguns temas ligados a essas anotações que fiz e não vou ler. O meu dever aqui, neste instante, é agradecer emocionado a essas homenagens caras que me estão sendo prestadas.

Quero cumprimentar o nosso querido presidente da CNI, deputado federal Armando Monteiro Neto,

Quero cumprimentar o excelentíssimo senhor Antônio de Oliveira



Santos, presidente da Confederação Nacional do Comércio,

O excelentíssimo senhor ministro de Estado de Minas e Energia, meu caríssimo amigo, meu ex-colega do Senado, Edison Lobão,

Meu caríssimo também e eminente amigo, ministro de Estado das Cidades, Marcio Fortes. Agradeço muito a presença deles hoje.

Quero cumprimentar o senador Marcelo Crivella,

Nosso Antonio Cesar Berenguer, que é o presidente do Conselho Técnico-Administrativo do Senai/CETIQT,

Por falar em Senai, cumprimento também o José Manuel Aguiar Martins e o Alexandre Figueira Rodrigues, do Senai e do CETIQT,

Quero cumprimentar meu caríssimo e eminente amigo Albano Franco. Ele foi presidente da CNI na época em que fizemos alguma coisa por esta escola. As decisões do Albano – o Alexandre se lembra disso – foram decisivas em prol do engrandecimento do CETIQT. Fico muito honrado com a sua presença hoje, meu querido amigo Albano.

Quero cumprimentar o Carlos Eduardo Moreira Ferreira, que é também do Conselho Emérito da CNI e foi presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.

Quero cumprimentar o Aguinaldo Diniz Filho, que é presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil, a ABIT, que também nos honra com a sua presença.

Eu me permito cumprimentar, também, todos os ex-alunos desta escola, na pessoa do Sílvio Diniz, que também está presente hoje. Ele é formado nesta escola e prestou relevante serviço ao setor têxtil nacional.

Quero cumprimentar todos os parlamentares presentes, na pessoa do deputado Rodrigo (inaudível),

Cumprimento todos os presidentes de Federações de Indústrias de todos os estados presentes, e me permito fazê-lo em nome do Robson Braga de Andrade. Não é coisa de mineiro, é o valor dele, e os outros companheiros



também que aqui estão reconhecem esse valor do nosso Robson, sem nenhum despreço a qualquer um dos outros, todos são meus amigos. Mas sabem como é, de vez em quando, temos que puxar a brasa para nossa sardinha, porque Minas Gerais tem sofrido muito. Lá falam que o Brasil está com saudade de Minas. Não sei se isso é verdade, né?

Quero cumprimentar todos os diretores e colaboradores do sistema Senai/CETIQT,

Todos os representantes de entidades de classe presentes,

Senhores empresários,

Senhoras e senhores,

É realmente excepcional a honra que me cabe neste instante, quando volto ao CETIQT para receber homenagens como esta. Quando saíamos de casa, Mariza colocou mais um lenço no meu bolso e disse assim: “pelas notícias que me chegaram, eles vão te prestar umas homenagens lá, e como você é um chorão, vou botar um lenço aqui”. De fato, eu trouxe o lenço, mas tinham uns lenços de papel ali e me utilizei deles também.

Não sei como agradecer a vocês, sinceramente. Eu gostaria de... O Armando me pediu para falar de juro. Para vocês verem, eu não gosto desse tema. Mas vou contar para vocês uma ligeira passagem que ocorreu comigo e que talvez, se houver aqui algum psicólogo, poderá associar a minha ojeriza aos juro e as minhas diatribes em relação ao sistema de juro do Brasil a esse fato.

Vocês sabem que a nossa origem é modesta. Meu pai era um pequeno comerciante e na crise de 1929, antes do meu nascimento, ele teve um golpe terrível, porque tinha uma casa comercial de tecidos, calçados, chapéus, ferragens, etc, e fornecia para os fazendeiros e para os meeiros de café das fazendas daquela região. Então eles faziam... davam uma ordem: senhor Antônio – meu pai era Antônio – peço fornecer a fulano de tal, Marcelino, etc,



até a quantia de 10 mil réis, de 20 mil réis. Aquelas ordens eram todas arquivadas e o pagamento era feito na safra do café.

Em muitos casos, havia a pré-fixação de preços durante o ano. No fim do ano, chegava o fazendeiro e aquelas ordens eram somadas –tudo a mão, não é? – mas cada uma delas havia sido passada para o borrador e o borrador passado para o conta corrente. Então conferia, conforme acertava. Se havia café para entregar, entregava o café, café em (inaudível). Esse café era limpo e depois vendido para exportadores que se sediavam na sede do município, que era Muriaé.

Isso papai me contava, pois sou de 1931. Hoje estou realmente fazendo 77 anos. Papai, então, contava para nós que veio a crise de 1929 e que o café lá no interior do município de Muriaé era cotado naquela época... O tipo de café que havia lá, era o café tipo 7 riado, era a denominação que se dava. Ele girava em torno... chegou ao ponto... Em 1928, mesmo em 1929, no auge, chegou a 60 mil réis a arroba, caiu para 6 e havia muitos casos de negócios contratados previamente há 30, 40 mil réis a arroba. Papai contava, orgulhoso, que todos os contratos foram cumpridos. Mas o certo é que acabou tudo. Eu nasci em 17 de outubro de 1931. No início do ano de 1932, eu tinha três meses, ele se mudou para outro distrito. O lugar onde aconteceu tudo isso se chama Itamuri, fica a 15 km da sede do município, que é Muriaé. Ele se mudou para outro distrito chamado Rosário da Limeira, e lá arrendou uma casa, uma máquina de café e tinha crédito, voltou a trabalhar. Mas lhe sobraram 4 contos. Quatro contos é coisa parecida com 4 mil reais hoje. Aqui não tem ninguém que se lembre, só eu. Todos são jovens. Um mil-réis virou um cruzeiro em 1942, no Estado Novo, quando Getúlio criou o cruzeiro. Então, um conto de réis era mil mil-réis ou mil cruzeiros, que continuaram chamando de conto de réis. Ele saiu de lá com 4 contos, portanto, 4 mil mil-réis ou 4 mil cruzeiros, coisa parecida com isso. Então, é nada.



Sou o 11º filho de uma família de 15. Naquela casinha comercial, ele foi levando a família, criando os filhos, com dificuldade. Eu saí de casa com 14 anos para ir trabalhar na cidade, não foi para estudar não, para trabalhar. Arranjei um emprego, ia ganhar 300 cruzeiros por mês. Eu achava aquilo um colosso: 300 cruzeiros. Muito bobo, da roça, e a casa era uma casa bonita chamada “A Sedutora – Sousa Irmãos Ltda”. Então, comecei a trabalhar. O seu Geraldo... eu estava pensando que ele ia me levar para a casa dele ou coisa que o valha, um menino de 14 anos. Ele disse assim: “Tem um hotel ali”. Era o Hotel da Estação. “O Rogerinho conhece o Hotel da Estação. Uma senhora, que é a proprietária, dona Maria Canta Missa, é italiana, é uma matriarca e ela pode te ajudar. Sua mãe vai ficar satisfeita se você ficar ali”.

Fui conversar com essa dona Maria. Minha fortuna era uma maleta de madeira com três mudas de roupa. Fui conversar com a dona Maria, e a estação da estrada de ferro em frente. Dona Maria olhou para mim e falou: “Não, meu filho, eu não gosto de mensalista. Só tenho um mensalista, que é o senhor Milton, contador do Banco Mineiro da Produção. Você vai trabalhar onde?” “Vou trabalhar com o Sousa Irmãos Ltda, na Praça João Pinheiro”. “E quanto é que você vai ganhar, meu filho?” Eu disse, falei grosso: vou ganhar 300 cruzeiros. Ela disse: “Só tenho um mensalista, que é o senhor Milton. Pelo café da manhã, almoço, jantar e o quarto, ele paga 420. Você vai ganhar 300”.

Então, eu me lembrei de que lá na loja que eu visitava e onde ia trabalhar, tinha uma porta que dava para os fundos, tinha um quintal e lá fora tinha uma casa onde se guardava capas de fardo, papel, aquelas coisas. Pensei na hora e falei: vou pedir para o seu Geraldo. Quem sabe ele permite que eu arme uma cama ali, eu durmo, venho aqui, tomo café e janto. Então, perguntei para ela: dona Maria, e apenas café da manhã, almoço e jantar, sem o quarto? Quanto a senhora pode me cobrar? Ela então olhou para mim e mostrou que estava preocupada comigo: “E onde é que você vai ficar, vai dormir?” Nós estávamos na janela, em frente à estação da Estrada de Ferro



Leopoldina. Eu mostrei para ela e disse: Posso dormir naquele banco. A senhora deixa eu guardar a maleta aqui, eu venho, aproveito e tomo banho, não custa nada para a senhora. Mudo a roupa aqui e durmo ali. Agora, eu só quero café da manhã, almoço e janta.

Ela pegou a minha mão, entrou pelo corredor do hotel, havia lá um canto de 90 graus, onde as portas eram um pouco retiradas. Ela disse: “Eu tenho um catre velho, armo esse catre aqui neste corredor. Você concorda em dormir aqui?” Eu falei: Concordo, mas, nesse caso, quanto a senhora vai me cobrar? Ela disse: “Duzentos e cinqüenta”. Ela já sabia que eu ia ganhar 300. Duzentos e cinqüenta. Eu falei: Olha dona Maria, eu vou morar no corredor, a senhora pode me fazer um preço melhor. Ela achou graça e falou: “Vou lhe fazer 220, mas não posso mexer mais”. Eu respondi: está bem, mas com roupa lavada.

Assim combinamos, e eu morei um ano e meio nesse corredor. Ficava hospedado lá nesse hotel um grande comerciante de Caratinga, chamado João Bonfim. O João Bonfim ficou sabendo que eu era excelente vendedor, que falavam muito bem de mim. E era mesmo. Pois bem, o João Bonfim me convidou para trabalhar com ele. Disse assim: “Você não vai morar em corredor, não, porque eu vou pagar o dobro do que você ganha. Nem quero saber quanto é”. Ele já sabia, que a dona Maria tinha falado para ele. Aí, eu falei: Mas não posso porque sou menor. Para ir para Caratinga, meu pai tem que me dar autorização. E meu pai deu autorização e fui para Caratinga. Dezesseis anos de idade. Lá, fui ganhar 600 mil-réis. Morava numa pensão chamada Pensão Simpatia, que era muito boa, com café da manhã, almoço, jantar e o quarto. Pagava 400 mil-réis e sobravam 200 para mim. Lá não tinha luz, na época, porque arrebentou a força. Tinha uma companhia chamada Coutinho e Pena Força e Luz. Houve uma enchente e acabou a luz, ficou um ano sem luz. Quando cheguei, não tinha luz, então todo mundo andava com uma lanterna. Aí, ganhei uns “cobrinhos” e comprei uma lanterna. Um sujeito falou: “Rapaz, essa lanterna é de moça, lanterna de homem é de três pilhas”.



Troquei a lanterna, lanterna de três pilhas, era um lanternão. Ia ao cinema, subia para ir ao cinema no centro da cidade, com a lanterna. Aí, alguém falou: “Você não carrega a lanterna com a mão direita, carrega com a mão esquerda. A mão direita tem que ficar desocupada porque você pode ter que sacar o revólver. Como, você não tem revólver? Aqui não tem ninguém desarmado, não”.

A minha lanterna já era de três pilhas, eu andava sempre com a mão esquerda... passado algum tempo, eu resolvi comprar um revólver. Imaginem, eu tinha 16, 17 anos, e o sujeito falou: “Ih rapaz, isso é revólver de moça, revólver de homem é 38 para cima. O meu revólver era 32, era revólver de moça”.

Assim foi o início da minha vida. Aos dezoito anos, eu pedi ao meu pai que me emancipasse, porque o meu irmão mais velho, Geraldo, me emprestou 15 contos. Ele era viajante de uma casa aqui do Rio chamada Tecidos Custódio Fernandes, na Rua do Ouvidor, lá perto da Praça XV. Era um atacadista forte. Ele viajava pelo estado de Minas, como comissionado, e tinha umas economias. Então, ele me emprestou esses 15 contos, desde que o papai me emancipasse para que eu pudesse me estabelecer, porque a maioridade era 21, e eu tinha 18 anos.

Pois bem, carregava aquele traslado, de escritura pública de emancipação, no bolso. Ele me cobrava 1,5% de juros. Ele morava em Ubá e me dizia: “Você deposita, todo mês, 225 cruzeiros no Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais, a crédito de Geraldo Gomes da Silva, em Ubá”. Eu fazia todo mês aquilo. Um belo dia, o gerente do banco, senhor Geraldo Santana, disse: “O que é isso, meu filho, que você todo mês deposita 225 aqui, a crédito de Geraldo Gomes da Silva, em Ubá?” Eu respondi: senhor Geraldo, ele é meu irmão. Eu não tenho nada, ele me emprestou 15 contos e me cobra 1,5%, então dá 225, combinei de colocar aqui. Ele disse: “Ele não pode te cobrar essa taxa, não, tem a Lei da Usura, Getúlio Vargas, 1933, e o



juro é de 1% ao mês. Vou te emprestar os 15 contos e você paga seu irmão, e a mim você vai pagar 1%”. Eu disse: eu não posso, seu Geraldo, ele é mais velho do que eu 18 anos. Ele pediu ao papai que me emancipasse, e papai me emancipou. “Então, você fala com ele”.

Passado algum tempo, o Geraldo aparece lá em Caratinga. Acabamos de jantar e eu, com jeito, falo assim: Geraldo, o seu Geraldo Santana, do Banco Hipotecário, disse que juros, de lei, é 1%, no máximo, e você está me cobrando 1,5%. Não pode. Aí o Geraldo falou: “Nunca te cobre juros”. Mas como? Já tem quase um ano, eu deposito todo mês. Ele disse: “Aquilo não é juro”. Então o que é aquilo? Ele disse: “É aluguel do dinheiro”. A lei não falava contra aluguel de dinheiro, era contra juros. Então, aquilo era o aluguel do dinheiro. “E mais, você tem que ir lá falar com o senhor Geraldo Santana, agradecer a ele porque lhe deu crédito, dizer que você não pode fazer isso, porque se você tomar o dinheiro lá, daqui a 120 dias vence. Você não tem nada, como é que você vai pagar? Você não tem nem liquidez para vender essas mercadorias que você tem aí, para pagar. Ah, ele vai deixar você amortizar 20%? Mesmo assim, você tem que amortizar 20%. No meu caso não, você paga só o aluguel. Daqui a algum tempo, nós damos o balanço, você fez algum capital, a gente faz uma planilha – me ensinou como é que fazia – e você vai amortizando e pagando o aluguel sobre o saldo devedor até terminar. Mas o aluguel é esse mesmo”. Está bom.

Voltei e falei: seu Geraldo Santana, não pode. Por isso, vou agradecer muito ao senhor e coisa e tal. “Não, nesse caso ele tem razão porque, de fato, no banco eu não posso dar sem prazo de vencimento. E, no caso, pode demorar um ano, dois, dez anos”. Não demorou, mas poderia.

Provavelmente essa seja a razão pela qual eu tenho ojeriza a taxa de juros alta. Mas a verdade é que a taxa de juros alta de que eu falo é a taxa básica que no Brasil, hoje, é 13,45%. Essa taxa é um despropósito, se comparada à taxa do mercado internacional. Por quê? Porque a taxa básica



média real de 40 países é igual a 1/6 da nossa taxa básica real. A nossa taxa básica real, hoje, deve girar em torno de 6%, se nós estimarmos uma inflação de 7%. Se estimarmos a inflação que estamos esperançosos de que possamos alcançar, então a taxa básica é de 9%. A taxa básica média desses 40 países é de 1%, e muitos países trabalham com taxa negativa. Ela é esse 1% se o Brasil estiver incluído. Fora o Brasil, ela é bem abaixo, porque o Brasil faz com que ela cresça.

Nós gastamos, nos primeiros quatro anos de governo, 600 bilhões. Estou falando um número redondo, é um pouquinho menos, mas quase 600 bilhões de juros na rolagem da dívida. Esses quase dois anos do segundo período de quatro anos está indicando que se nós mantivermos essa taxa que está aí, vamos para 1 trilhão e 200 bilhões nos oito anos.

Alguém vai para a televisão, para os jornais, articulistas, e fala assim: “Tem que haver uma economia de gasto público”. Às vezes falam isso com a gente numa entrevista, na televisão, ao vivo, até se zangando com a gente, e eu sou vice-presidente da República: “Esse camarada também é dos que gastam muito”. Então, explico a eles: Olha, eu escovo os dentes e fecho a torneira. Enquanto estou escovando os dentes, a torneira está fechada. Mamãe me ensinou assim. Isso é uma simbologia, eu sou econômico. O presidente Lula é ainda mais econômico do que eu.

Então, o governo não é perdulário. Agora, ele tem sido perdulário na rubrica mais importante do orçamento de despesas da União, que é a rubrica relativa aos juros com que rolamos nossa dívida. Eles nos levarão 1 trilhão e 200 bilhões nos oito anos de governo.

Se nós tivéssemos praticado, nesses oito anos, metade daquela taxa – estou falando nominalmente, taxa nominal, metade da que foi praticada – teríamos economizado 600 bilhões. Com 600 bilhões, teríamos resolvido todos os problemas de infra-estrutura energética e de estrada, inclusive estradas de ferro, hidrovias, portos e também saneamento. É muito dinheiro. Ou então, não



estariamos devendo nada, praticamente, e teríamos o Orçamento mais equilibrado, porque instrumento número um no combate à inflação não é taxa de juros, não. Taxa de juros é instrumento de combate à inflação, porém tem que ver que tipo de inflação.

O Brasil ainda é um país de subconsumo. Há muitas pessoas que não consomem o essencial, e muitas que consomem apenas o essencial. Então, você não pode achatar o consumo de quem não consome. A taxa passa a ser inócua para grande parcela da população brasileira, só que ela é danosa porque cria um déficit no orçamento da União, e grande.

Aqui nós falamos, por exemplo, em superávit primário. Esse adjetivo para o superávit é porque ele não é superávit, é uma economia incapaz de dar equilíbrio ao Orçamento, é insuficiente para cobrir o déficit provocado pela rubrica taxa de juros, e ninguém fala dela. Ali, sim, é gasto, e não investimento. Agora, saúde é investimento, educação é investimento, estrada é investimento, energia é investimento. Até esse programa do Patrus Ananias é investimento, é um investimento social da mais alta importância, porque são pessoas que não poderiam comer nada se não tivessem essa ajuda do Bolsa Família. Então, é investimento.

Agora, aquela rubrica relativa aos juros com que nós rolamos nossa dívida são gastos desnecessários. Por quê? Porque a taxa de mercado não é aquela, e o Brasil não é um país de terceiro mundo. Ao contrário, o Brasil é de primeiríssimo mundo. Qual o país que possui recursos naturais e recursos humanos como o Brasil? O Brasil possui terra, água e sol de maneira inigualável no mundo. Nós somos dos países que tem maiores terras aráveis do mundo, temos água e sol como nenhum outro e temos a Embrapa. É importante, temos a Embrapa. Além da Embrapa, temos a Universidade Federal de Viçosa, o Instituto Agrônomo de Campinas, a Escola Superior de Agricultura de Lavras, a Escola de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. São escolas agrícolas importantíssimas, assim como a Embrapa, que é um centro



de tecnologia para as atividades agropecuárias do Brasil. Além de recursos humanos, são raríssimos os países... Provavelmente não haja, porque o brasileiro é versátil. Aqui é uma escola e os professores que aqui estão poderão confirmar o que vou dizer: há uma facilidade grande de o aluno se adaptar e aprender, porque o brasileiro é versátil.

A própria miscigenação nos confere essa grande versatilidade. É uma característica da nossa raça, a versatilidade. Então, nós temos aquela facilidade de aprender. Isso nós aprendemos no Senai, porque foi criado em 1942. Eu me lembro de que papai comentava que o Getúlio ficava encantado com o trabalho do Senai na época, porque o Getúlio queria industrializar o Brasil. Mas, para industrializar, ele precisaria criar, treinar mão-de-obra, porque o Senai não tinha pretensão maior que treinar mão-de-obra. Tanto que você entrava numa escola do Senai e a predominância de máquinas mais sofisticadas eram os tornos mecânicos. Hoje não, nós estamos na era da eletrônica. Mudou. Entra-se hoje numa escola como esta aqui... se vocês tiverem tempo para visitar, vale a pena, é uma escola maravilhosa. Então, coisas desse tipo, eu tinha anotado... Aliás, eu anotei para falar menos.

Desenvolvimento socioeconômico. Armando Monteiro deu ênfase à questão do desenvolvimento socioeconômico. É aquela história: no Brasil, uma das coisas que nós temos que aprender é a aplaudir a prosperidade empresarial. Por exemplo, o Mao Tse-tung é tido como libertador da China. Ele fez a Revolução de 1948, 1949, a Revolução Comunista na China. Depois, ele aprofundou o Comunismo com a Revolução Cultural de 1966. Ele morreu, e seu sucessor, Den Xiaoping, com uma metáfora, fez um regime novo. Ele disse: "Não importa a cor do gato, o que importa é que ele cace o rato". Então, cientistas políticos, a começar da própria China, traduziram essa metáfora: "Não importa a coloração ideológica, o que importa é o bem comum. É isso que Den Xiaoping quis dizer". Não importa a cor do gato significa: não importa a coloração ideológica. O que importa é que ele cace o rato, ou seja, o que



importa é o bem-comum. O próprio bem-estar social é meio para se alcançar o bem-comum. Bem-comum, hierarquicamente, está no ápice. Ele pronunciou, em seguida, uma frase: “O enriquecimento é a glória”. Por que ele pronunciou essa frase? Porque a China, de certa forma, cultivou a vitória da Revolução Comunista de 1948, para justificar a Revolução Cultural que é o aprofundamento do Comunismo. A China condenava o lucro. A primeira coisa que um regime Comunista tem que fazer, que é dever dele fazer, é condenar o lucro. O lucro é um pecado para o regime. Essa foi a razão principal pela qual o regime fracassou depois de 70 anos de experiência na ex-União Soviética, e fracassou a ponto de desintegrar o país. O país tinha 22 milhões de quilômetros quadrados, hoje tem 17, acabou. Saíram, me parece, 16 Repúblicas Socialistas.

Nós aqui não somos outra coisa senão uma democracia, sempre lutamos para engrandecer a democracia. Mas condenamos o lucro. Como é que nós podemos condenar o lucro? Nós temos que condenar o prejuízo, porque o lucro, a prosperidade empresarial, é que vai nos levar ao bem-comum, por uma razão muito simples. A empresa – eu tenho falado isso, mas nunca é demais repetir – é um bem da comunidade, ainda que determinadas empresas só tenham um dono. Ela é uma sociedade anônima, mas as ações são todas de um dono só. Ela é uma sociedade limitada, mas as cotas são todas de um dono só. Ou então, ela não é sociedade nenhuma, é uma empresa individual, é toda daquele indivíduo. Ainda assim, ela é um bem da comunidade. Aquele indivíduo, quanto mais dono dela ele é, mais ele vive para ela, se realiza com o progresso dela, com o sucesso dela, com o engrandecimento dela. O engrandecimento dela é o engrandecimento de uma fração da economia do País. Por quê? Porque a economia é representada pelo setor primário, secundário, terciário e infra-estrutura. Aí está a economia real de qualquer país.



São empresas, algumas do setor primário, outras do secundário, outras do terciário. Por exemplo, uma empresa industrial, como todos sabem, é do setor secundário; uma empresa de comércio é do setor terciário, de serviços. Empresas de turismo, por exemplo, são do setor terciário; e, de infra-estrutura, energia, transporte. Aí está toda a economia do País. São empresas que representam esses quatro segmentos, os quatro componentes da economia do País. São empresas que representam... empresas gigantescas como é a Petrobras. Empresas grandes, médias, pequenas, minúsculas, sempre são empresas, ainda que minúsculas, e sempre são frações da economia, ainda que uma fraçãozinha, representada, por exemplo, por uma pastelaria da esquina. Mas se ela for próspera, o pastel é melhor. Ela é próspera porque o pastel é bom, e quanto mais próspera, melhor o pastel porque os seus fornecedores de carne, de farinha, de gordura ou de óleo, seja o que for, vão lhe vender aquilo que há de melhor porque serão clientes disputados, e assim é o que nós temos. Nós temos que aproveitar ocasiões como esta, que são ocasiões simples. Nós estamos aqui, homens simples, no Senai, numa escola do Senai, que é uma entidade que nós todos aprendemos a admirar. Criado em 1942 por Getúlio Vargas e os “Ss”. Falaram aqui, também, que eu ajudei. Eu não fiz nada mais do que a minha obrigação, porque aquilo seria um desastre se fizessem qualquer violência, qualquer aventura contra um sistema como este, que tem trazido benefícios ao País de uma maneira... Só quem não conhece... Também tem uma coisa: ninguém pode gostar do que não conhece. A única coisa que eu fiz ali, Armando, foi sugerir que a reunião fosse feita no Ministério, porque, segundo Miguel de Cervantes, a humildade é a mais importante de todas as virtudes, tão importante que sem ela não há virtude que o seja. Então, se nós todos fôssemos lá, como fomos... Nós estávamos num gesto de respeito ao Ministério da Educação, e fomos para quê? Para solicitar que houvesse um conhecimento melhor do Ministério em relação ao Sistema. Nossos sistemas “S”, que são o Senai, o Sesi, o Senac, o Sesc, o Senarc, da



agricultura, e outros. Então, isso não foi nada, eu não fiz nada. Depois que nós fizemos aquela primeira reunião, por várias vezes o ministro tomava a iniciativa de me ligar para me dar só boas notícias do andamento. A sugestão foi que ele colocasse técnicos do Ministério, e vocês colocariam técnicos...

Muito bem, eu acho que é isso. Eu tinha anotado outras coisas aqui, mas não vou falar, não. Já falei que chega.

Eu acho que minha palavra deve ser de agradecimento. Armando, eu faço esse agradecimento, obviamente, em meu nome e em nome da minha mulher, dos meus filhos, dos meus irmãos, dos meus netos, em nome da minha família, porque esta homenagem é importante não só para mim. A única coisa com que eu ando meio preocupado é a seguinte: eu estou pelejando com esta doença, que é o câncer, e estou recebendo muitas homenagens. Estou achando que não vai sobrar homenagem para me prestarem depois de morto. Tem que deixar homenagem, porque assim não vai sobrar... Normalmente, espera-se morrer primeiro.

(\$22A)